



Rias

PREFÁCIO DO LIVRO *EMERGENT EVOLUTION* (*THE GIFFORD LECTURES*)



Tradutora: Cristiane Xerez Barroso

Há meio século, com o decorrer dos anos, um estudante foi chamado para ocupar a cátedra em um jantar relacionado com a *Royal School of Mines*. Estavam presentes membros da equipe. E o afortunado jovem foi homenageado com o apoio do Professor Huxley.

“Qual das linhas da ciência que você seguiu despertou mais seu interesse?”

Seguindo o fio da minha resposta, ele extraiu de mim a confissão de que um interesse pela filosofia, e pelo esquema geral das coisas, era mais profundo do que o meu interesse nas aplicações práticas da ciência para o que então pretendia ser o meu treinamento básico. Com uma gentileza compreensiva que logo dissipou meu medo dele, ele me levou a falar mais livremente, a contar-lhe como isso aconteceu, o que eu havia lido e assim por diante. Que tal homem se importasse em saber o que Berkeley e Hume fizeram por mim; o que obtive do Discurso de Descartes; como eu estava naquele momento “enredado em dificuldades” por causa de Spinoza; me encheu de uma feliz surpresa. Seus comentários foram tão maduros; e eles foram feitos para *me* ajudar! “Não importa o que você faça”, disse ele, “mantenha essa luz acesa. Mas lembre-se de que a biologia fornece um iluminante novo e poderoso.” Então começaram os discursos. Suas palavras de despedida foram: “Quando você atingir o objetivo do seu curso, por que não passar um ano conosco em *South Kensington*?”

Assim, quando obtive o diploma do qual tão pouco uso direto seria feito, e quando minha necessidade do iluminante, e minha falta de conhecimento íntimo dos fatos sobre os quais a nova lâmpada lançava luz foi devidamente impressa em mim durante uma visita à América do Norte e ao Brasil, eu segui seus conselhos, assisti a suas palestras e trabalhei em seu laboratório.

Numa das ocasiões memoráveis em que me chamou para ir à sua sala privada, ele falou da *Genesis of Species*, de St. George Mivart. Eu havia feito algumas perguntas a ele alguns dias antes, às quais ele estava ocupado demais para responder; e ele me deu a oportunidade de repeti-las. Mivart disse: “Se então tais poderes inatos devem ser atribuí-

dos a átomos químicos, a espécies minerais, a gêmulas e a unidades fisiológicas, é apenas razoável atribuí-los a cada organismo individual” (p. 260). Perguntei por que motivos esta linha de abordagem era irracional; pois, até então, havia escondido dentro de mim algum toque de “heresia pelagiana” em questões evolutivas. Longe de esnoar um jovem herege, ele tratou-o gentilmente. A questão, disse ele, estava aberta à discussão; mas ele pensava que a posição de Mivart se baseava em outras considerações que não científicas. Qualquer analogia entre o crescimento de um cristal e o desenvolvimento de um organismo era de validade muito duvidosa. “Sim, senhor”, eu disse, “exceto que ambos nos convidam a distinguir entre um fator interno e a incidência de condições externas”. Ele então perguntou o que eu entendia por “poderes inatos”, dizendo que para Mivart eram as “formas substanciais” da tradição escolástica. Aventurei-me a sugerir que os escolásticos e os seus discípulos modernos estavam tentando explicar o que os homens da ciência devem talvez apenas aceitar com base nas evidências. E perguntei se “um poder inato” no organismo poderia ser substituído pelo que ele nos ensinou a denominar de “uma tendência metamórfica interna” que deve ser “tão distintamente reconhecida quanto a de uma tendência conservadora interna” (H.E. ii. p. 116). “Claro que pode, desde que considere isso apenas como uma expressão de certos fatos atualmente inexplicáveis.” Perguntei então se era nesse sentido que se deveria aceitar a sua afirmação de que a natureza dá saltos (ii. pp. 77, 97) e, se fosse assim, se a diferença na qual Mivart colocou tanta ênfase – aquela entre as capacidades mentais dos animais e dos homens – não poderia ser considerada um salto natural no progresso evolutivo.

Este era o ponto para o qual eu estava conduzindo. Não me lembro claramente de tudo o que Huxley disse. Minhas anotações, escritas infelizmente não naquela época, mas um ano depois, mostram: “Estresse na fala e na linguagem: nenhuma evidência de *salto* na estrutura laríngea, na boca ou no cérebro: a criança passa *continuamente* do estágio animal para o estágio humano: neuroses e psicoses.”

O que ele mais se preocupou em enfatizar ao lidar com Mivart foi que – quer houvesse ou não saltos naturais – sempre houve uma correlação estrita de neuroses e psicoses (ii. pp. 158, 164), que deve ser aceita pela ciência como o resultado natural da evolução do cérebro e da mente. Acreditando que ele cortejou ao invés de se ressentir com uma expressão franca daquilo que ele sentia como uma dificuldade, perguntei por que motivos ele falava da neurose como *antecedente* (i. 238) da psicose; e por que, se elas fossem correlacionadas como concomitantes, não poderíamos seguir Spinoza ao considerar *cada* uma delas como causal dentro do seu atributo e, portanto, *ambas* desempenhando seus papéis na causalidade natural. Ele tinha dúvidas sobre se o tratamento metafísico de Spinoza era

útil na interpretação científica, mas deu-lhe crédito por tentar aprofundar *more suo* as questões fundamentais.

Em conclusão, ao responder a uma batida na porta, ele dispensou um mero neófito com as palavras encorajadoras: “Você poderia muito bem fazer de tudo isso um campo especial de investigação”.

Isso, entre outras coisas, tentei fazer desde então. O fato de o *Senatus* da Universidade de St. Andrews ter me considerado digno de apresentar, como *Gifford Lecturer*, as conclusões às quais fui levado é uma honra pela qual estou profundamente emocionado.

O resultado é um esquema construtivo que Huxley não aceitaria – e isso em mais de um aspecto. Ele não era, contudo, intolerante com conclusões divergentes das suas (embora pudesse sentir-se chamado a combatê-las), se elas fossem honestamente obtidas. E assim, prestando homenagem ao que ele fez por mim há cinquenta anos e posteriormente, digo dele o que o professor Alexander disse delicadamente sobre Spinoza: “Um grande homem não existe para ser seguido servilmente, e pode ser mais honrado pela divergência do que pela obediência.”

C. LLOYD MORGAN.

Bristol, fevereiro de 1923.



